

# TURISMO E TURISTA: UMA VIAGEM EXPLORATÓRIA

*Sandra Regina Haas da Fontoura \**

*Susana de Araújo Gastal \*\**

*Dinizar Fermiano Becker \*\*\**

*O turismo nasceu em volta dos bens culturais paisagísticos e arquitetônicos preservados, e hoje, cada vez mais, vai exigindo a criação de mais cenários, de mais exotismos, provocando quadros artificiais inclusive. (Lemes, 1982, p. 30)*

## Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o fenômeno turístico, sua origem, desenvolvimento e concepções, sempre acompanhando os avanços tecnológicos e culturais das sociedades. Da mesma forma, analisa a evolução de seus conceitos, que tal como a atividade em si, são dinâmicos, reformulando-se de tempos em tempos, segundo necessidades ou interesses, o que tem gerado constantes debates sobre o tema.

À guisa de conclusão arrisca-se um conceito para o mesmo, o qual tem por base o homem deslocando-se voluntária e temporariamente em busca de algo que lhe traga alguma forma de satisfação.

**Palavras-chave:** Turismo, Viagem, Homem, Evolução, Conceito, Busca.

---

\* Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Professora de História da Arte, Folclore, Museologia e Técnicas do Turismo do Curso de Técnico em Turismo do Colégio Nossa Senhora Medianeira.

\*\* Mestre em Artes Visuais. Jornalista. Professora do Curso Superior de Turismo e do Curso de Especialização em Produção e Gestão do Turismo, ambos na FAMECOS/PUC/RS. Co-orientadora.

\*\*\* Doutor em Economia pela UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC. Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UNIVATES. Presidente do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari – CODEVAT. Presidente do Fórum dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento de Rio Grande do Sul – COREDES – RS. Orientador.



### Zusammenfassung

Dieser Artikel schlägt eine Reflexion über das Touristenphänomen vor, seinen Ursprung, Entwicklung und Entwürfe, wie sie immer die technologischen und kulturellen Fortschritten der Gesellschaften folgen. Auf der gleichen Art und Weise, analysiert er die Entwicklung seinen Begriffen, die so dynamisch wie die Touristenaktivitäten sind, die von Zeit zu Zeit je nach Bedürfnissen oder Interessen unformuliert werden, was standhafte Debatte zum Thema hervorbringt.

Schließlich riskiert man, hinsichtlich des Tourismus, eine Auffassung zu machen, die sich nach dem Mensch richtet, der stetz sich bewegt, um irgendeine Form der Befriedigung zu finden.

**Schlüsselwörter:** Tourismus, Reise, Mensch, Entwicklung, Auffassung, Suche.

### INTRODUÇÃO

Muitos estudos já foram e estão sendo realizados, com o intuito de definir turismo e turista. Porém, definir turismo não tem sido tarefa fácil para os pesquisadores do assunto, pois a atividade envolve diversos fatores. Além disso, nas últimas décadas, muito evoluíram os debates e reflexões sobre o tema, visto que o viajar é uma prática cada vez mais constante para o homem contemporâneo.

Pesquisadores como Naisbitt (1994), Palomo (1991) e Kotler (1994), em incursões na área do turismo, percebem-no como a indústria de viagens de prazer, quando na realidade trata-se de algo muito mais complexo. Essa definição simplista e restritiva que, metaforicamente, denomina a atividade econômica de "indústria do turismo", vem da escola norte-americana, que vê o turismo como mais um produto a ser comercializado. Inclusive Naisbitt (1994), renomado analista de tendências da atualidade, afirma que o "turismo é uma indústria de múltiplos componentes" (1994). Mas essa idéia não passa de um mito<sup>1</sup>, pois não é possível equiparar produção material com prestação de serviços.

Para permitir uma análise mais clara desta atividade, faz-se necessário verificar como esta se constituiu historicamente, paralelamente à evolução histórica dos conceitos: turismo e turista.

### PROCESSO EVOLUTIVO DO TURISMO E SEUS CONCEITOS

A origem dos deslocamentos remonta ao homem pré-histórico, que os empreendia em busca de alimento e melhores condições climáticas. A locomoção era difícil,

<sup>1</sup> Ver Lemos, *Os sete mitos do Turismo; a busca de alguns conceitos fundamentais*. Porto Alegre, 1998.

desconfortável e bastante arriscada, quando não perigosa, devido ao desconhecimento sobre os diferentes locais.

Assim, o início da história do turismo pode situar-se na antiga Grécia, ou entre os fenícios, os romanos, os egípcios, ou talvez ainda entre os orientais, bem como a "milhões de anos atrás".

Há autores, como De la Torre (1992), que situam o começo do turismo no século VIII a.C., na Grécia, porque de quatro em quatro anos as pessoas viajavam para assistir aos jogos olímpicos. Conforme Barretto (1995), há autores, como McIntosh (1972), que acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, inventores da moeda e do comércio, e muito provavelmente, caso fossem pesquisados povos anteriores a estes, seriam descobertos indícios ainda mais antigos de viagens, chegando-se a supor que o homem sempre viajou, seja temporariamente (ida e volta), seja definitivamente (migrando). Isso viria a confirmar o pressuposto, segundo a qual o homem seria nômade por natureza. Pesquisas revelam que os antigos habitantes da Caverna de Madasim, nos Pirineus franceses, faziam periódicas viagens até o mar. (Leakey, apud Barretto, 1995)

Na Antigüidade percebem-se três grandes motivações, responsáveis por viagens: a curiosidade, o sentimento religioso e interesses comerciais ou políticos.

Os romanos teriam sido os primeiros a viajar por prazer. E o fato de o Império Romano ter construído muitas estradas, teria facilitado ao seu povo as viagens. Mas, com o desaparecimento do Império Romano, registrou-se um grande declínio do comércio, as viagens por prazer cessaram, e as estradas começaram a deteriorar-se, até sua completa destruição.

Já na Idade Média, sob a vigência do sistema feudal, houve uma relativa queda no número de viagens, pois essa sociedade era baseada na fixação do homem à terra, a vida era essencialmente agrícola e cada feudo era auto-suficiente. Desta forma, não eram necessários deslocamentos para fora do feudo, já que o comércio não ocorria (Barretto, 1995, p. 46). Também as antigas estradas construídas pelos romanos estavam degeneradas pelo longo tempo de desuso. Viajar, desta maneira, era caro e perigoso, implicando enfrentar muito desconforto.

Na Idade Média o motivador dos deslocamentos, contribuindo para o reinício da movimentação do homem, foi o Cristianismo, com as peregrinações religiosas<sup>2</sup> e as Cruzadas.

Já no século X e XI verificou-se o ressurgimento dos antigos núcleos comerciais, das peregrinações e de tradicionais centros culturais. Estudantes, peregrinos e mercadores foram os grandes viajantes dessa época histórica, que se estendeu até o século XIV. Foi neste mesmo período que vimos surgir a forma etimológica da palavra turismo e turista.

<sup>2</sup> Muitas destas viagens religiosas eram patrocinadas pela Igreja. Cf. Sartor (1977, p. 20).



Turismo procede do vocábulo inglês, com origem francesa, "tour", como muitas palavras do inglês moderno, sempre referentes a conceitos ligados na sua origem à riqueza e à classe privilegiada. Isto ocorreu porque, enquanto a Inglaterra esteve sob domínio dos franceses normandos, do século X ao século XIV, a corte adotou a língua francesa, e o inglês escrito quase desapareceu. A palavra "tour" quer dizer volta, tendo seu equivalente no inglês "turn", e no latim "tornare". Assim, turista é aquele que pratica um giro<sup>3</sup>, uma viagem, que desenvolve a atividade do turismo.

Na Europa, por exemplo, todo cristão tinha dever de realizar no mínimo uma peregrinação a algum santuário tradicional, colocando nos caminhos do continente muitos viajantes, entre peregrinos, soldados e mercadores. As peregrinações propiciaram a transformação das pousadas (antes caridosas) em serviços remunerados aos viajantes. Surge assim, "em 1282, o primeiro grêmio dos proprietários de pousadas, em Florência" (Sic, leia-se Florença)<sup>4</sup>.

A situação começa a modificar-se com os grandes descobrimentos a partir do século XIV. O século XV fica marcado pelo início de outro tipo de viagens: as transoceânicas, tendo como principais protagonistas os portugueses e espanhóis, e foram essas viagens que fizeram saber da existência de um novo mundo, o qual muitos passaram a querer ver e conhecer.

A partir do século XVI houve um incremento às viagens de caráter particular, como forma de conhecer o mundo. Também o comércio inicia um período de grande expansão. Data deste século o surgimento do primeiro hotel do mundo, no Cairo (Egito), para atender mercadores. Na Itália apareceram as primeiras carruagens para atender a uma minoria que fazia viagens de prazer. Havia, também, numerosas viagens de cura. Esse turismo é diferente do que conhecemos atualmente, e originou-se com a revolução industrial. O surgimento do turismo, da maneira como hoje se apresenta, não foi um fato isolado; pois ele sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. "O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo" (Barretto, 1995, p. 51).

A dimensão das viagens fortaleceu-se a partir dos séculos XVII - devido a uma considerável melhora nos transportes - e XVIII, no decorrer do qual a construção de estradas recebeu seu grande impulso.

O vocábulo turista foi pela primeira vez empregado no século XVII, na Inglaterra, para denominar aqueles que realizavam a pequena ou a grande volta. A "grande volta" compreendia a viagem pelo continente, que qualquer jovem descendente de uma família de posses deveria realizar, como complemento de sua educação. Ou seja, era uma "viagem

de estudos", a qual assumia o valor de um diploma que lhes conferia o significativo status social. Na realidade, o programa se fundamentava em passeios de ótima qualidade e repletos de atrativos prazerosos, que chamavam de "turísticos", o que passou a expressar a realização de viagens através de regiões e países diversos, ou mesmo para significar a volta ao mundo, comum à elite da época.

Desta forma, no século XVIII consolidaram-se as noções do que seria uma "grande volta", isto é, um roteiro turístico. Os participantes destas, com fins de prazer, curiosidade, enfim, aventura, como já foi mencionado anteriormente, já eram denominados de turistas. O turismo passou a ser educativo, com interesse cultural, conferindo "status". "O filósofo John Locke escrevia que esse aprendizado era necessário para aprender a controlar os subordinados." (Barretto, 1995, p.49)

Prolongou-se até o século XIX, entre os ingleses, a idéia de que mereciam ser respeitados como detentores de cultura somente os que tivessem sua educação coroada por um grand tour<sup>5</sup> através da Europa, não deixando de incluir a velha Grécia. O pesquisador suíço Arthur Haulot associa a origem da palavra ao hebraico. Explica que "tur" aparece na Bíblia com o significado de viagem de reconhecimento.

No final do século XVIII, as mulheres, antes excluídas das viagens, começaram a viajar acompanhando os maridos. Assim, a viagem ampliou suas possibilidades para um maior número de pessoas, sendo marcada por uma nova motivação: o prazer do descanso e da contemplação das paisagens. Esta nova modalidade de turismo, de apreciação da natureza, consegue cada vez mais adeptos devido à deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbanos industriais.

Em meados do século XIX, com o desenvolvimento tecnológico iniciado pela revolução industrial, como o ferro fundido, que propicia o surgimento das ferrovias e do trem - o movimento turístico assumiu novas proporções. O aperfeiçoamento da máquina a vapor também acrescentou aspectos fundamentais para a aceleração da atividade. Ao substituir a diligência, o transporte ferroviário proporcionou viagens mais rápidas, mais confortáveis e maior capacidade de transporte com custos inferiores. Com isso, o volume de viagens aumentou rapidamente. Esse século esteve marcado pelo trem a nível nacional e pelo navio a nível internacional.

Nosso século encontrou o fenômeno turístico em grande ascensão, movimentando grandes massas humanas. Segundo o Manual do SEBRAE (1996), a primeira tentativa de definir turismo surge em 1911, quando o economista austríaco Hermann von Schullern zu Schattenhofen escreve sobre o assunto.

Na Europa o crescimento do turismo é interrompido pela Primeira Guerra Mundial e retomado com o seu fim, em 1919. O ano de 1929, segundo Trigo (1996),

<sup>3</sup> "Tour" - em latim vulgar significa "girar", designando movimento, ação.

<sup>4</sup> Barretto, M. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. Campinas: Papyrus, 1995.

<sup>5</sup> Grand Tour: grande volta, em oposição à Petit Tour (pequena volta) das classes menos favorecidas.



pode ser indicado como o auge do turismo europeu, o que gera nova definição da chamada "escola berlinesa"<sup>6</sup>. Porém, a crise iniciada no mesmo ano, com a queda da Bolsa de Nova York, reflete-se no mundo inteiro e atinge a Europa em 1932, o que causa uma segunda estagnação da atividade na curta história deste século.

A próxima ascensão inicia em meados da década de 30, o que provoca o aperfeiçoamento da definição de turismo que se tinha até então, quando o inglês A. J. Norwal, citado por Sartor (1977, p.25) acrescenta um importante elemento à definição: o turista gasta no destino o dinheiro ganho no seu local de origem, ou seja: "qualquer pessoa que vem a um país estrangeiro com o fim diferente ao de fixar residência permanente ou de trabalhar regularmente e que gasta, neste país de sua estada temporal, o dinheiro que ganhou em outra parte", seria um turista.

Essa definição é construída em momento de grandes transformações no desenvolvimento do fenômeno turístico a nível mundial, com a criação das férias remuneradas em 1936. Mas ainda, no final desta década, o turismo começa a decrescer em razão das constantes instabilidades políticas geradas pelos regimes fascistas na Itália e na Alemanha. "Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o turismo fica paralisado no mundo todo", Trigo (1996, p. 13).

Mesmo frente a esta estagnação da atividade durante o período do conflito, não cessaram as preocupações em definir o fenômeno na Europa. Assim, surge em 1942 uma definição até hoje bem aceita e adotada por alguns órgãos oficiais, de autoria dos suíços Walter Hunziker e Kurt Krapf (apud SEBRAE, 1996):

Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa.<sup>7</sup> (p.11)

Finda a guerra, a partir de 1945, o turismo entra na era do avião.

Conforme Trigo (1996, p.13), "os efeitos da guerra são tão profundos que somente em 1949 o turismo renasce" - e cresce como atividade de lazer para o trabalhador e alternativa econômica para o capitalismo e - "então com características crescentes de turismo de massa". (p. 13).

Ainda para o mesmo autor, esta atividade teve seu impulso

<sup>6</sup> No final da década de 20, criou-se na Universidade de Berlim um Centro de Pesquisas Turísticas, cuja produção teórica passou a ser conhecida como *escola berlinesa*. Ver Rejowski, 1996.

<sup>7</sup> Esta é a definição adotada pela AIEST (Associação Internacional de Especialistas na Ciência do Turismo).

após a 2ª Guerra Mundial, quando a classe trabalhadora, nos países capitalistas desenvolvidos, aumentou seus ganhos salariais médios, e passou a ter mais tempo disponível na forma de férias, garantidas legalmente com as conquistas sindicais (p. 14).

Estas férias inseridas na lógica capitalista, aparecem como uma opção de lucratividade. Em 1949, aproximadamente nove milhões de pessoas viajaram para outros países e, a partir de então, o volume cresce significativamente até os dias de hoje.

Para Paiva (1995, pp. 17 e 18), existem vários fatores que contribuíram para que esta atividade se desenvolvesse a partir de então. Entre eles: a paz, a massificação das cidades, a evolução da informática e dos meios de transporte, a liberação das aduanas nas fronteiras, a melhoria da rede hoteleira, atividades de eventos, agências de viagens, entre outras.

O turismo de massa pode ter seu marco inicial a partir de 1950, devido às tecnologias desenvolvidas durante a Segunda Guerra, que passam a ser aproveitadas para fins pacíficos. Nesse período, a atividade turística expandiu-se pelo mundo inteiro, segundo Trigo (1996).

Esse autor acredita também que o crescimento do turismo após a Segunda Guerra Mundial tem como algumas de suas causas a instituição de férias pagas aos trabalhadores, a elevação do nível de renda, o surgimento da mentalidade sobre o direito ao lazer e ao turismo e a mudança dos hábitos de consumo nas sociedades que, com o tempo, vão se transformando em "pós-industriais", com o crescimento do setor terciário ou de serviços. As pessoas conquistam o direito ao ócio. Individualismo e possibilidade de usufruir de prazeres terrenos deixam de ser algo pecaminoso ou negativo. Enfim, o turismo e as viagens tornam-se objeto de consumo para o ser humano contemporâneo.

Como pode ser percebido, há entre os dois autores uma pequena divergência quanto às causas que aceleraram o desenvolvimento do fenômeno após a Segunda Guerra Mundial, sendo que Paiva (1995) dá mais peso às inovações técnicas e materiais, ao passo que Trigo (1996) privilegiou as mudanças ideológicas e culturais que passaram a manifestar-se após o segundo grande conflito internacional.

É bom lembrar que nem tecnologia, nem ideologia, podem ser consideradas isoladamente, uma vez que estão profundamente imbricadas uma na outra, porque é com a evolução tecnológica que a humanidade vai desenvolvendo sua visão de mundo. Tanto que a aceleração no processo produtivo, a volatilidade, a efemeridade, a descartabilidade no âmbito material da vida, fazem com que também na esfera psicossocial as relações e concepções de mundo se processem dentro desses padrões.

As condições materiais e o aparato tecnológico disponíveis num determinado momento rapidamente se renovam, tornando todo o produzido até então obsoleto e ineficiente para a competitividade exigida para qualquer entidade disposta a acompanhar a evolução do processo. O mesmo acontece com o conhecimento, que a cada dia precisa



ser realimentado, pois tudo o que a humanidade sabe hoje, amanhã será saber ultrapassado, antiquado. Assim é com a maneira de ler o mundo e suas performances, que surpreendem a todo instante. É assim que a pós-modernidade (o ideológico) é a lógica cultural do mundo pós-industrial (o tecnológico).

Na análise de Becker (1997, p. 58) fica muito clara essa relação entre tecnologia e percepção de mundo: "Essa intensificação do processo de modernização instalou pessimismo e um sentimento de passividade e desesperança em muitos de nós nos anos recentes, como se fosse um desencantamento radical com a modernidade."

Na década de 1970 cresce, no Primeiro Mundo, a preocupação com o meio ambiente. Em 1972 o encontro promovido pela ONU em Estocolmo, traçou possíveis fatores de degradação ambiental, entre os quais poderia estar a "poluição pelo turismo". Esta é uma questão que ainda hoje preocupa autores e trabalhadores do setor.

Foi também a partir desta década que teve início a produção literária sobre turismo no Brasil.

Definir turismo parece ser muito mais complexo do que definir, simplesmente, o turista. Este fenômeno, para Sartor (1977), é um conjunto interligado de fenômenos, que objetivam direta ou indiretamente o mesmo fim. Turismo, segundo a autora, é um produto que desde a sua elaboração envolve ingredientes diversos, em sintonia integrada com o turista e sua conjuntura motivacional, sensível a mudanças, instável e em permanente evolução.

Por isso, hoje, com o modelo econômico internacional (economia globalizada), e a configuração do mundo do trabalho<sup>8</sup>, onde o lazer ganha espaço e torna-se um produto comercializável, e o setor terciário é o setor básico da economia em quase todo o mundo (Antunes, 1995), apresenta-se a crescente necessidade de buscar alternativas produtivas diversificadas para o desenvolvimento global das regiões.

Desta forma, vê-se o turismo como uma opção que conta com indicadores favoráveis, já que aumenta a cada dia o número de pessoas com predisposição para viajar, propiciando por outro lado, condições para que um maior número de pessoas possam beneficiar-se dele como prestadoras dos serviços que a atividade turística oferece.

Percebe-se claramente que a maioria dos autores é favorável ao turismo como meio de recreação e aprimoramento cultural das pessoas que viajam. Vêem-no como uma alternativa de ganhos econômicos para a comunidade receptora, mas percebem a problemática do turismo mal planejado e seus conseqüentes problemas sociais. Há autores que se mostram desfavoráveis ao fenômeno, pelo menos da maneira como vem ocorrendo nas três últimas décadas.

<sup>8</sup> Configuração em que a produção é altamente mecanizada e os serviços automatizados devido à informática, o que aumentou o tempo livre do homem.

Santos (1997) realiza um estudo do homem contemporâneo e as razões de seu comportamento individualista, consumista e hedonista, que começa a manifestar-se a partir da segunda metade deste século. Ele faz um balanço do cotidiano que o indivíduo enfrenta nas grandes cidades, o que o torna desumanizado, vazio, sempre em busca de algo novo ou diferente, que muitas vezes o turismo pode oferecer.

Na realidade, os avanços tecnológicos levam os objetos e as informações a circular velozmente, tornando-os rapidamente descartáveis. É o mundo, não mais do trabalho, e sim da eficiência, da prestação de serviços informatizados, onde, em última instância, o homem também é descartável (do seu trabalho).

Conforme a análise de Trigo (1996), o turismo beneficiou-se desta nova ordem cultural das sociedades pós-industriais, fruto de uma conjuntura internacional. Estes novos padrões comportamentais impõem a cultura do ócio, do prazer, do espetáculo, do consumo e da satisfação instantânea de todos os desejos. É nesta cultura contemporânea que aparece o turismo como perspectiva promissora.

O autor relaciona ainda uma série de fatores favoráveis ao desenvolvimento do turismo nos próximos anos. Aponta para a acumulação de bilhões de dólares com a atividade turística nos países desenvolvidos, principalmente nos que investiram em complexos turísticos com sofisticada prestação de serviços e grande diversidade de atrações.

Em 1975 foi fundada a OMT (Organização Mundial do Turismo), para suceder a União Internacional dos Organismos de Turismo criada em 1951. Essa é uma organização inter-governamental com responsabilidades no campo do turismo e reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas). Conta com créditos vindos do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) para a execução de projetos e programas de desenvolvimento do turismo.

A definição de turismo aceita do ponto de vista formal é aquela dada pela OMT, que aparece na revista da OMT de 1995, s/p.: "Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais".

Uma das mais recentes definições, de boa aceitação, que veio complementar a da OMT, é a do mexicano Oscar de La Torre (1992, p.19):

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.



Estudiosos de todo o mundo tentam a cada dia aperfeiçoar essas definições com o intuito de dar uma explicação mais completa para o fenômeno. Inclusive Roberto Boullón (1993), define o turismo como:

uma atividade econômica do setor terciário, que consiste no conjunto de serviços vendidos ao turista. Ditos serviços estão necessariamente inter-relacionados, de maneira que a ausência de um deles dificulta e até impede a venda ou a prestação de outros; além disso, tem a peculiar característica de que só é possível ser produzido em locais predeterminados, para os quais se deslocam os turistas, ainda que sua venda se realize fora deles, quer dizer, no ponto de origem da demanda. Difere das demais vendas, porque não há uma distribuição do produto, visto que o consumidor é quem viaja à fonte de produção.

Para Andrade (1997, p. 38), pela própria estrutura do fenômeno, a conceituação ideal parece ser:

Turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.

Já segundo Trigo (1996), é possível definir turismo como uma atividade de lazer que se inclua entre as necessidades básicas do ser humano. Para ele, qualquer viagem com duração superior a vinte e quatro horas seria turismo, enquanto as de apenas um dia seriam excursões e não se classificariam como turismo as viagens de estudo ou trabalho com longa duração ou migração.

Cabe aí um questionamento. Por que os estudantes ou profissionais que estejam viajando por razões educacionais ou profissionais não são considerados turistas?

Muito tem sido discutido e analisado para construir uma definição precisa para o conceito "turista", principalmente quando se requer este conceito, com objetivos estatísticos, sejam de natureza econômica ou psico-sócio-cultural. Em nível técnico internacional, a primeira conceituação do termo "turista" surge em 1936, elaborada por peritos em estatística da Liga das Nações. Mas esta foi muitas vezes refeita, pois não conseguia cobrir de forma satisfatória a amplitude de casos que este fenômeno pretende enquadrar<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Isto porque, como atividade econômica, o turismo implica impostos e comissões, assim, sempre há interesses em jogo e, para estes pode ser apropriado que todos os viajantes sejam turistas, ou que nunca o sejam, ou ainda, que ora o sejam e ora não.

Para fins estatísticos, de acordo com a ONU e a OMT, os viajantes são considerados consumidores de produtos turísticos, e classificam-se em turistas, excursionistas ou visitantes. Segundo a definição adotada pelo OMT, "turista" é o "visitante temporário, proveniente de um país estrangeiro, que permanece no país mais de 24 horas e menos de três meses, por qualquer razão, exceção feita de trabalho". Dado o conceito, poderíamos questionar então, quanto a todos aqueles que vão a uma pequena cidade para conhecê-la, bem como para nela passar apenas um dia, chegando pela manhã para voltar ao fim da tarde, estes não seriam turistas? Da mesma forma, se a pessoa for a uma grande cidade realizar um curso de especialização, ou até mesmo uma tarefa profissional com duração superior a três meses, aproveitando as horas livres para conhecer a região, porque não seria turista? Talvez porque na era industrial tenha se consolidado a idéia de haver um grande abismo entre dever e lazer, logo, entre trabalho e turismo.

Para a IUOTO - União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo<sup>10</sup> - turistas são aqueles visitantes que realizam pelo menos um pernoite no lugar visitado e permanecem ali no mínimo 24 horas. Desta forma, classificam-se os outros visitantes, os que não permanecem para um pernoite - ou por se tratar de visitantes por um dia, ou de pessoas fazendo cruzeiros - como excursionistas.

Este critério serve para padronizar a classificação dos visitantes dentro de um determinado país em termos estatísticos. Assim, para um país receptor, a pessoa que fica menos de um dia é excursionista, não importando que permaneça mais de 24 horas fora de sua residência, ou que fique por um mês viajando pelo mundo, ela só é considerada turista nos lugares em que pernoitou. Mas ao sair de seu país conta como turista. Desses impasses conceituais resultam divergências estatísticas, pois um mesmo visitante pode representar diferentes situações dentro de um mesmo país.

Segundo definição da ONU de 1954, apresentada na obra de Andrade (1997, p.42), o turista seria:

toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, que ingresse no território de um Estado contratante diverso daquele em que tem residência habitual e nele permanece pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração.

Uma década mais tarde, o termo "turista" foi substituído pelo de "visitante", a fim de proporcionar maior flexibilidade dos critérios estatísticos a serem aplicados, porém,

<sup>10</sup> IUOTO: International Union of Official Travel Organizations, ou UIOOT (abrilizado).



a medida também trouxe divergências e conflitos entre os teóricos e os órgãos institucionais, pelo número de viajantes que o termo excluía.

Atualmente, muitos países consideram como turista toda e qualquer pessoa que chegue ao país, que se encontre em visita, trânsito, ou ainda, que nele estude. Não fazem distinção entre um visitante por curiosidade ou prazer e um viajante a negócios, um estudante e uma pessoa que esteja participando de algum evento especial. Tudo é contabilizado devido à utilização dos equipamentos e da estrutura física, econômica, cultural e social que envolvem sua estada no local. O turista, de modo geral, seja qual for o motivo da sua estada na localidade, desfruta da estrutura existente. Utiliza os hotéis, os restaurantes, os transportes, o comércio local, beneficia-se da prestação de serviços disponíveis, independentemente da razão da viagem.

Segundo Andrade (1997, p. 43), pela doutrina e pela prática, a melhor e mais defensável definição para os dias de hoje seria:

Turista é a pessoa que, livre e espontaneamente, por período limitado, viaja para fora do local de sua residência habitual, a fim de exercer ações que, por sua natureza e pelo conjunto das relações delas decorrentes, classificam-se em alguns dos tipos, das modalidades e das formas de turismo.

Constata-se assim, que pela definição da ONU, tanto o motivo "estudos", como o motivo "negócios", ou seja, trabalho, são razões válidas para deslocamento turístico, logo, as viagens de estudo ou trabalho também podem ser turismo.

Quando se diz que determinados deslocamentos podem ser considerados turismo, a idéia sugere que talvez possam não ser. O que acrescenta uma colaboração importante para a elucidação da dúvida é a definição de Andrade, já citada, sobre quem seja o turista. O autor insere a idéia da ação voluntária do viajante quando diz: "é toda a pessoa que, livre e espontaneamente,..." se desloca para fora do local residencial.

Acredita-se que esse fator deva ser considerado. Se o trabalho a ser desempenhado pelo viajante for de caráter obrigatório, que não desperte interesse, perspectiva ou prazer no sujeito dessa ação, não deveria ser considerado turismo.

Porém, conforme o próprio Trigo (1995), o turismo pode ser visto de diferentes ângulos. Uma das definições citadas por ele é a do professor de Direito Internacional, Salah-Eldin Abdel Wahab, consultor de turismo da Organização Internacional do Trabalho (1971) e presidente eleito da União Árabe Internacional de Turismo (1972), segundo o qual turismo:

é uma atividade humana internacional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas (apud Trigo, 1995, p. 10).

Após esta definição o autor cita a abordagem da American Express que define o turismo como:

a indústria de viagens e turismo inclui transporte de passageiros, hotéis, motéis e outras formas de hospedagem, restaurantes, cafés e similares, serviços de recreação, lazer e cultura (Trigo, 1995, p. 10).

A intenção do autor ao expor estas duas diferentes definições é mostrar que o turismo é uma atividade que pode ter diferentes enfoques. Na primeira fica clara a idéia de lazer e contato humano, mas na segunda é priorizado o enfoque econômico.

Se o objetivo fosse definir tecnicamente a atividade, dir-se-ia que o turismo é um conjunto de serviços que tem por finalidade o planejamento, a promoção e a execução de viagens, bem como os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de seus domicílios habituais.

Diante de tantas leituras sobre o que se pode definir como turismo, é possível buscar o que existe de comum entre todas elas. Percebe-se que existem três elementos constantemente presentes: o deslocamento, a hospedagem fora do lugar de residência e o transporte. Segundo Barretto (1995), estes três elementos básicos presentes em todas as definições de turismo também precisam ser revistos. Isso porque, cada um destes pode abranger inúmeras interpretações, portanto, também precisam ser delimitados.

Assim, percebe-se que no primeiro elemento desta reflexão, a viagem, está a essência do turismo, pois sem os deslocamentos espaciais, que podem ser de curtíssimas distâncias, sem as marchas de ida e volta, não há turismo, que é o constante movimento de pessoas em busca espontânea de algo.

No entanto, como nem todo o deslocamento humano se dá necessariamente por livre opção do viajante, ao qual, por vezes, esta viagem é imposta, sem que este a houvesse desejado ou escolhido, acredita-se que nem todo o movimento de indivíduos para fora de seu cotidiano pode ser classificado como turismo.

Na presente reflexão, este tipo de viagem não será considerada turística, porque acredita-se que sendo um movimento obrigatório, não há a busca espontânea de algo, logo não haverá o sonho, o desejo, dificultando o encontro, a experiência enriquecedora que o viajante procura.



Portanto, é preciso refletir os motivos que geraram a viagem. Para que uma viagem se enquadre no turismo, os elementos que devem constar são: a livre escolha do indivíduo e a motivação por uma busca.

No segundo elemento, a hospedagem, também é possível uma reflexão, na medida em que o turista nem sempre faz uso da rede hoteleira nos lugares que visita. Sua hospedagem pode ser na residência de amigos ou parentes. Outras vezes, o turista vai a um lugar ao qual visita ou onde participa de um evento, mas não se hospeda. Já em outras ocasiões, pode acontecer a sua permanência por longo período no local, usufruindo de trailer<sup>11</sup> ou acampando.

Fundamental neste elemento "hospedagem", para que seja enquadrado no turismo, é que aconteça fora do seu local de moradia, que não fixe residência, que faça uso da infra-estrutura do lugar, que estabeleça qualquer forma de contato com a cultura local e que sempre objetive voltar para sua casa.

Quanto ao transporte, parece ser imprescindível aos deslocamentos.

Segundo Barretto (1995), a atividade turística apresenta também três características básicas: tempo de permanência, caráter não lucrativo da visita e a procura de prazer por parte do turista, que é uma opção de livre escolha.

É por esta razão que a autora afirma que nem toda viagem é turismo, pois podemos viajar por compromissos diversos que não sejam o de visitar, permanecer e buscar prazer. Para ela, como para muitos outros teóricos do assunto, as viagens de negócio não são consideradas turismo. É questionável essa visão, pois se o profissional que está viajando a negócios utiliza os mesmos serviços que o turista, muitas vezes leva a família, porque existem até esquemas de atendimento aos acompanhantes dos participantes, em casos de congressos ou eventos similares e, na maioria das vezes, gasta tanto ou mais que os demais viajantes, porque não seria um turista?

Acredita-se que nada impeça o trabalhador a serviço em local fora de sua residência habitual, a também buscar neste seu deslocamento, satisfação, lazer, descanso, entretenimento ou prazer, podendo inclusive estabelecer contato humano com a comunidade, proporcionando-lhe troca de experiências, logo, enriquecimento cultural e humano. O que também não significa que todo trabalhador que execute tarefas profissionais fora de seu habitat residencial o faça por livre escolha, buscando algum envolvimento ou encontrando encantamento no diverso, podendo mesmo estas viagens representarem-lhe algum desgaste.

Com todas estas reflexões torna-se difícil determinar onde termina o cotidiano e onde começa o turismo, onde este se limita com o trabalho, a produção, o aprendizado, o lazer, o descanso, ou simplesmente, a viagem. Quem poderá dizer até onde o turismo

<sup>11</sup> Trailer - reboque tipo casa, adaptado à traseira de um automóvel, utilizado em geral para camping.

é atividade econômica, onde inicia a interseção política ou, se o indivíduo viaja por prazer, por curiosidade, por determinação social ou unicamente porque os meios de comunicação criam a necessidade.

Mesmo que a atividade seja muito antiga, ela não era, até o século passado, reconhecida como área de conhecimento. Passou a ser percebida como tal a partir dos anos setenta deste século, quando efetivamente torna-se objeto de preocupação de teóricos de diferentes áreas, inclusive no Brasil.

Porém, foi somente a partir desta década (noventa), quando o assunto começou a ser sistematicamente teorizado, que ele passou à área de conhecimento, gerando debates e trocas internacionais na tentativa de estabelecer definições e delimitações em torno do mesmo, o que tem sido motivo de constantes polêmicas.

Surgem também as primeiras tentativas de eleger a atividade como ciência. Mas como este é um campo ainda bastante novo de pesquisa, e o conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o fenômeno é ainda parco, e não se tendo ainda definido ao certo qual seria o objeto de estudo do mesmo, que pode ser tanto o homem, como os deslocamentos humanos, o espaço de lazer do homem, ou ainda, o comportamento humano fora do cotidiano, considera-se mais seguro tratá-lo, por enquanto, como área de conhecimento.

## CONCLUSÃO

Desta forma, parece mais apropriado classificar o turismo como ciência em construção, pois reflexiona sobre uma práxis dinâmica, que vem evoluindo sempre com os processos sócio-econômicos e com as inovações tecnológicas, o que lhe deixa o conceito teórico em aberto, sujeito a constantes reformulações.

Assim, o turismo pode ser considerado uma atividade humana, ou psico-sócio-cultural, que tem por base o deslocamento<sup>12</sup> voluntário e temporário de pessoas em busca de alguma forma de experiência que lhes traga satisfação de interesses pessoais, profissionais ou sociais.

No entanto, não deve ser ignorado que o turismo é também uma atividade econômica, política ou social, que a cada dia estende seus tentáculos para mais setores da vida humana, passando a ser objeto de estudo para mais áreas de conhecimento.

<sup>12</sup> Evitou-se o termo viagem pela sua forte conotação de espaço, que é subjetivo na pós-modernidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. Vicente de. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 1997.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas: Cortez, 1995.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação do Estudo do Turismo*. Campinas: Papirus, 1995. Coleção Turismo.
- BECKER, Dinizar F. SUSTENTABILIDADE: um novo (velho) paradigma de desenvolvimento regional. In: BECKER, Dinizar F. (Org.) *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.
- BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.
- BOULLON, Roberto. *Ecoturismo - Sistemas naturales y urbanos*. Buenos Aires: Librerías Turísticas, 1993. Colección Temas de Turismo.
- CONTI, José Bueno. A natureza nos caminhos do Turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) *Turismo e Ambiente - Reflexões e Propostas*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- DE LA TORRE, Oscar. *El turismo, fenómeno social*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- EMBRATUR, MICT, SETS e OMT. *Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais*, 1996.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Turismo no RS - 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- FUSTER, Luiz Fernandes. *Teoria e técnica del turismo*. Madri: Editora Nacional, 1971.
- GASTAL, Susana. (Org.) Turismo & cultura: por uma relação sem diletantismos. In: *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Edelbra, 1998.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HAULOT, Arthur. *Turismo Social*. México: Trillas, 1991.
- JAMESON, Fredric. O consumo e a pós-modernidade. In: *O mal-estar no Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- KOTLER, Philip. *Marketing público*. São Paulo: Makron, 1994.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LEMES, Carlos A. C. *O que é Patrimônio Histórico?* São Paulo: Brasiliense, SP, 1982.

- LEMOS, Amália I. G. de. Turismo, modernidade e globalização. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) *Turismo, modernidade e globalização*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- LEMOS, Leandro A. Fordismo, toyotismo e novos paradigmas econômicos. In: *Análise*, Porto Alegre. v.1, n.5, p. 513-521, 1991.
- \_\_\_\_\_. Os sete mitos do turismo: a busca de alguns conceitos fundamentais. In: *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Edelbra, 1998.
- \_\_\_\_\_. *TURISMO: que negócio é esse?* (Versão Preliminar/1998).
- MOESCH, Norma Martini. Turismo: virtudes e pecados. In: GASTAL, Susana. (Org.) *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Edelbra, 1998.
- NAISBITT, John. *Paradoxo Global*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- OMT Cooperación Técnica: Objetivos - Misiones - Proyectos. Madrid: Nortografico Diseño. España, 1996. (*Revista bienal*).
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. *Sociologia do Turismo*. Campinas: Papirus, 1995. Coleção Turismo.
- PALOMO, M. Figuerola. *Elementos para el estudio de la empresa turística*. Espanha: Ed. Sínteses, 1991.
- PELLEGRINI, Américo Filho. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Papirus, 1993. Coleção Turismo.
- PROGRAMA SEBRAE - RS DE QUALIDADE NO TURISMO: *Fundamentos do Turismo*. Porto Alegre: SEBRAE, 1996.
- RABAHY, Wilson A. *Planejamento do Turismo: estudos econômicos e fundamentos econométricos*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- REJOWSKY, M. *Pesquisa em turismo no Brasil: dissertações e teses de 1975 a 1992*. São Paulo: USP, 1992. (Tese de doutorado)
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Turismo e espaço: rumo ao conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Editora Hucitec Ltda., 1997.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Turismo, modernidade e globalização*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997a.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: USP/Hucitec, 1997b.



- \_\_\_\_\_. (Org.) *Turismo e ambiente - Reflexões e propostas*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997c.
- RUSCHMANN, Dóris v. d. M. *O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente*. São Paulo: Edusp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Marketing turístico: um enfoque promocional*. Campinas: Papirus, 1995. Coleção Turismo.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SARTOR, Lourdes Fellini. *Introdução ao Turismo*. Caxias do Sul: UCS/EST, RS, 1977. Coleção Ciclo.
- SILVA, João Albino. Turismo como atividade sustentada. Canela: *Seminário internacional de turismo e desenvolvimento*, 1995.
- SOTELLO, Francisco S. *El concepto de cultura e los cambios culturales*. Sociológica, ano 6, n. 17, sept./dic.
- TELLES, Leandro Silva. *Manual do Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: EST e Caxias do Sul: UCS e Prefeitura de Rio Pardo, RS, 1977.
- TOFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas: Papirus, 1996. Coleção Turismo.
- \_\_\_\_\_. *Turismo básico*. São Paulo: SENAC, SP, 1995. Série Apontamentos.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel Ltda., 1997.
- WAINBERG, Jacques A. Anotações para uma teoria do Turismo: a indústria da diferença. In: GASTAL, Susana. (Org.) *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Edelbra, 1998.
- WEKID, Gabriela Beatriz. *Monumentos Históricas Nacionales: competencias jurisdiccionales y relaciones interinstitucionales*. S. L. Universidad Nacional de Misiones, 1992. (Monografia de Graduação)

\* Para maior aprofundamento no assunto, ver dissertação de título "*A Cultura no Desenvolvimento do Turismo em Santa Cruz do Sul*", defendida por Sandra Regina Haas da Fontoura, na UNISC, no dia 23/06/1999.